

VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo
III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
I Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo
Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei
24, 25 e 26 de setembro de 2014
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio)

Migração, Consumo Alimentar e Globalização: Fluxos entre Brasil e Europa

Carla Pires Vieira da Rocha¹
Carmen Silvia Rial²

Resumo

O texto explora a relação entre Migrações e Consumo alimentar, tomando a Globalização como fio condutor. Visa-se delinear e problematizar o caso do Brasil, especificamente no que diz respeito ao fluxo de alimentos do país em direção ao continente europeu, com o fim primeiro de atender a respectiva demanda migratória. Inicialmente, partindo de uma perspectiva histórica, será abordada a progressiva circulação de alimentos em nível global, de maneira a exaltá-la como processo-chave para se refletir sobre o tema Globalização. A seguir, o enfoque recairá no elo entre alimentação e migrações internacionais, priorizando as dimensões socioculturais envolvidas. Por fim, levando em conta os casos da Espanha e Países Baixos, será examinado o referido fluxo de alimentos estabelecido entre o Brasil e o continente europeu, buscando-se levantar questões sobre as especificidades deste movimento no contexto atual e suas implicações em termos de consumo. A metodologia incluiu observação e entrevistas realizadas entre os meses de janeiro e fevereiro de 2014.

Palavras-chave: Alimentação; Migrações Internacionais; Globalização

1 - Introdução

As migrações são parte constitutiva da história humana. Em tais movimentos, a alimentação sempre exerceu centralidade. À medida que se aceleram os processos relacionados à globalização, há um reordenamento do campo alimentar. Em paralelo à potencialização dos fluxos migratórios, a circulação de alimentos é intensificada: estes vêm seguindo cada vez mais as pessoas e em escala transnacional. O fluxo crescente de alimentos do Brasil em direção ao continente europeu, visando atender a correlativa demanda migratória, é ilustrativo do cenário em questão.

1 Doutoranda do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC- E-mail: carlapvrocha@gmail.com

2 Docente do Programa de Antropologia e do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – E-mail: rial@cfh.ufsc.br

O Brasil é configurado por diferentes fluxos migratórios. Se próximo ao final do século XX o país ainda era reconhecido como receptor de migrantes³, a partir da década de 1980 em diante, houve um movimento inverso e a emigração passou a predominar. Em 2008, dados do Ministério das Relações Exteriores estimaram em 3 milhões o número de emigrantes brasileiros⁴. Em 2012, o número reduziu para 2,5 milhões⁵. Este decréscimo é atribuído a fatores como a crise que atingiu muitos dos países de destino dos brasileiros, especialmente os do sul da Europa, cujas consequências envolveram o aumento das taxas de desemprego e políticas voltadas a controles migratórios mais severas. Por outro lado, índices positivos com relação à situação econômica do Brasil, resultando no surgimento de novas oportunidades laborais, motivaram o regresso de emigrantes.

Mas, ainda que o panorama migratório venha sofrendo novas modificações⁶, o número de brasileiros no exterior segue significativo. A Espanha é quinto país com maior concentração de migrantes brasileiros. O mais amplo contingente reside nas Comunidades Autônomas da Catalunha e de Madri. Em 2011, o número de brasileiros no país foi contabilizado pelo Ministério das Relações Exteriores em 158.761⁷. Em comparação, a Holanda encontra-se em situação bem distinta, com um total bem menos expressivo: de 17.600 de brasileiros em 2009, o número passou para 27.046 em 2012.

Mesmo diante do contraste da migração brasileira entre os dois países, ambos recebem um permanente fluxo de produtos alimentares do Brasil voltado para atender tal demanda. Este fluxo consiste no eixo central deste texto, partir do qual serão colocadas em pauta especificidades deste movimento no contexto atual e suas implicações em termos de consumo.

3 Além de grandes movimentos populacionais em outros momentos da história, como nas grandes transumâncias forçadas entre a África, a Europa e a América a partir do século XVI que garantiram a expansão colonial europeia, do período entre 1819 e o final da década de 1940, o Brasil recebeu cinco milhões de migrantes entre italianos, portugueses, espanhóis, alemães e japoneses. Ainda que menos expressivos numericamente, também se incluíram grupos migratórios de russos, austríacos, sírio-libaneses e poloneses.

4 Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/censo-ibge-estima-brasileiros-no-externo-em-cerca-de-500-mil/impresao> [Acesso em 15 julho 2013].

5 Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades> [Acesso em 15 julho 2013].

6 A partir de 2008, estes fluxos vêm ganhando uma outra dinâmica e o país entra novamente na rota da imigração. A crise econômica internacional reacendeu o interesse pelo país como destino migratório. Em estudo divulgado pela Organização Internacional de Migrações (OIM), 107 mil europeus deixaram o continente, no período de 2008 a 2009. A maioria dos europeus procura o Brasil, a Argentina, a Venezuela e o México. Os principais países de origem desses migrantes são a Espanha (47.701), Alemanha (20.926), Holanda (17.168) e Itália (15.701). Disponível em: <http://www.iom.int/cms/es/sites/iom/home.html> Acesso em fevereiro/2014.

7 A estimativa baseia-se em dados relativos à prestação de serviço consular, não incluindo, portanto, migrações não legalizadas.

2 - Fenômeno migratório e globalização: fluxos entre Brasil e Europa

O deslocamento de pessoas associado ao de alimentos não é propriamente uma novidade, já que esses dois movimentos sempre estiveram interligados. Do ponto de vista histórico, é sabido que a conjunção de tais movimentos constituiu os diferentes sistemas alimentares, por meio de trocas e cruzamentos culinários, impulsionados de maneira decisiva a partir das expedições colômbianas. Como lembram Iglis e Gimlin (2009), os alimentos têm um significado especial no campo de expansão da história global, visto que o mercado destes produtos foi o primeiro a se tornar globalmente integrado, ligando culturas alimentares muito distantes entre si. Por essa razão, em nenhuma outra área as interações em nível global e práticas culturais locais teriam sido tão pronunciadas. Defendendo ótica semelhante, autores como Hannerz (1990) e Wilk (1999) apontam a alimentação como um exemplo notável de globalização, exatamente por consistir em um indiscutível meio de conexão entre pessoas, lugares e contextos culturais.

O trânsito remoto de alimentos, plantas, passando pelo comércio de especiarias até a industrialização alimentar de corporações transnacionais de hoje, gera controvérsias no que diz respeito à tentativa de datar a globalização, sugerindo igualmente a sua natureza, enquanto processo caracterizado sobretudo pela sua multiplicidade que singularidade (NUTZENADEL e TRENTMANN, 2008). Corroborando com essa linha de pensamento, Iglis e Gimlin (2009), ao referirem-se à alimentação, sob condições de globalização avançada, argumentam em favor de se considerar *Globalizações da alimentação*. Entendem as autoras que a concepção no plural seria mais apropriada rigorosamente em virtude das ambivalências, contradições e multiplicidades de questões envolvendo a matéria.

Os processos associados à globalização têm exercido um impacto determinante na alimentação urbana contemporânea, repercutindo simultaneamente de maneira expressiva no âmbito migratório. Neste caso, ganha especial relevância o fato de muitos produtos, anteriormente restritos ao país de origem, passarem a ser disponibilizados em terras distantes. Mesmo que isso reporte a períodos remotos, como acima referido, em se tratando do consumo de determinados alimentos, até há muito pouco tempo, era algo impraticável.

Porém, ao explorarmos o campo da alimentação, é interessante assinalar que a aceleração dos fluxos não apenas ocorre com ingredientes; mas se estende a receitas, pratos, refeições, cozinhas, assim como a cozinheiros, capital (culinário) e imagens relacionadas ao tema. Isso nos conduz ao pensamento de Appadurai (1990, 1996), quando caracteriza a globalização em sua fase corrente na forma de uma ordem complexa, repleta de justaposições e relacionada a certas deslocamentos fundamentais provocadas por certos

fluxos culturais globais: pessoas, dinheiro, imagens, ideias e tecnologias⁸. Na visão do autor, em todos os períodos da história da humanidade já houve algumas deslocamentos nestas modalidades de fluxos; todavia, a velocidade, a escala e o volume de cada um destes fluxos teriam alcançado proporções distintas de outrora, em virtude da sua potencialização.

Phillips (2006), ao revisar o vínculo entre comida e globalização, considera duas abordagens-chave: a primeira coloca ênfase na mobilidade da comida como uma mercadoria na produção e sistemas de comércio em escala global; a segunda, sustentando que a ideia de globalização tem sido nutrida por meio da comida, discute como a mobilização de pessoas e ideias tem contribuído para moldar um imaginário global. Trabalhadores migrantes, refugiados, populações realocadas, imigrantes, estudantes, consultores de negócios, nutricionistas, agrônomos, turistas e outros viajantes teriam um papel na reprodução e expansão de ideias sobre a alimentação e sistemas alimentares, embora nem todos na mesma extensão ou maneira.

Outro ponto a ser destacado é a importância de se considerar os contextos nos quais os alimentos circulam. Neste caso, cabe retomarmos Appadurai (1986), quando argumenta que as mercadorias não são apenas produtos fluindo por canais econômicos; elas têm vida social. Este mesmo argumento, portanto, desafia concepções de globalização como processo predominantemente econômico e vinculado a noções de homogeneidade e uniformidade.

Em sua pesquisa sobre os *fast foods* na França, Rial (1995) mostra que esses restaurantes, enquanto detentores de imagens contraditórias, colocam em xeque o domínio de visões associadas à homogeneidade. Defendendo que o movimento da globalização deve ser abordado a partir de práticas e experiências de indivíduos, a autora lembra que, além de o hambúrguer não ser exatamente igual, ele não é visto e nem consumido da mesma maneira em todos os lugares onde é ofertado.

Ao abordar as mudanças na alimentação, sobretudo a maior circulação e progressiva diversificação dos produtos alimentares em escala mundial, Fischler (1990) aponta a instauração de um *sincretismo culinário* generalizado. Contudo, defende que o mesmo não implica a destruição de particularidades culinárias locais; em muitos casos, ocorreria precisamente o contrário, sendo favorecida a sua formação.

Na visão de Poulain (2006), a mundialização dos mercados geraria o desaparecimento de alguns

8 De acordo com o autor, para explorar tais deslocamentos, se deve colocar atenção na relação entre cinco planos ou dimensões de fluxos culturais globais: **Paisagem étnica** (pessoas), **Paisagem tecnológica** (máquinas), **Paisagem financeira** (dinheiro), **Paisagens midiáticas** (imagens), **Paisagens ideológicas** (ideias). Essas paisagens constroem o que Appadurai denomina *mundos imaginados*, produtos da imaginação historicamente situada de pessoas e grupos por todo o globo.

particularismos, a emergência de novas formas alimentares (resultantes do processo de mestiçagem cultural) e a difusão de alguns produtos e práticas alimentares em escala transnacional. Porém, nota o autor que esses mecanismos não deveriam ser lidos somente como destruidores das culturas alimentares, mas como participantes das suas recomposições. Na mesma concepção, a mundialização, enquanto motor de um processo de *diversificação-integração*, implicaria novas diferenciações, resultando em formas originais de apropriação de produtos ou de técnicas, assim como no desenvolvimento de espaços comuns, servindo de ponte entre modelos alimentares.

Seguindo tal linha de arguição, pode-se concluir que, se a *desterritorialização* é referenciada como um dos mecanismos atuantes da globalização nos sistemas alimentares, a *reterritorialização* se constituiria no outro lado da mesma moeda. No plano cultural, portanto, a globalização não deve ser vista como sinônimo de homogeneização (HANNERZ, 1990, IANNI, 2002, ORTIZ, 1994), ainda que envolva instrumentos nessa direção (APPADURAI, 1996). Warnier (2003), reiterando mesma ótica, observa que, no mundo inteiro, os indivíduos aceitarão a comida globalizada pelos restaurantes de *fast food*, mas, em suas festas familiares ou religiosas, por exemplo, no momento de construir suas identidades, praticarão as artes locais da mesa.

3 - Alimentação no contexto migratório: conservadorismos e mudanças

Conforme exposto acima, o estágio atual da globalização vem determinando um outro panorama ao consumo alimentar no mundo urbano, exercendo influência decisiva em âmbito migratório. Tomando o caso do continente europeu, e, mais precisamente, algumas cidades da Espanha e dos Países Baixos, o afluxo de alimentos voltado para brasileiros vem configurando um mapa, através do qual se pode repensar esta modalidade de consumo, observadas as especificidades destes contextos e sua inserção na atual conjuntura.

Entre diversos teóricos, já é ponto pacífico a comida não se resumir aos aspectos nutricionais. Como lembra Giard (2011), afora manter a máquina biológica do nosso corpo, a comida serve para concretizar um dos modos de relação entre as pessoas e o mundo, desenhando uma de suas referências fundamentais no espaço-tempo.

Estudos sobre migrações sugerem que os hábitos alimentares seriam aqueles a subsistir por maior tempo como referência ao local de origem, os que mais resistiriam ao abandono (CALVO, 1982, BOULY DE LESDAIN, 2002). Por outro lado, Sydnei Mintz (2001), ao constatar o fato de tantas pessoas, em sociedades anteriormente concebidas como extremamente conservadoras, estarem dispostas a experimentar comidas radicalmente diferentes, observa que os comportamentos relativos à comida podem, às vezes

simultaneamente, ser os mais flexíveis e os mais arraigados de todos os hábitos, denotando, portanto, uma ambiguidade entre conservadorismo e mudança.

Essa ambiguidade pode ser vista como chave para se pensar noções de adaptação relativas à comida num âmbito migratório, especialmente quando não há outra alternativa nesse sentido; assim como as migrações internacionais estão consignadas a variáveis diversas (econômicas, ambientais, políticas, entre outras), a alimentação, nesta órbita, e, principalmente o acesso a determinados alimentos, não é algo absoluto. Dito de outra forma, a natureza do consumo alimentar e mesmo a continuidade de determinados hábitos ligados à comida são, em grande parte, correlativas às circunstâncias e possibilidades envolvidas em tal mobilidade, bem como ao contexto no qual se dá tal experiência.

Se até há pouco tempo, a viagem de determinadas comidas ocorria quase exclusivamente por meio do transporte em malas de migrantes ou de seus parentes e amigos, hoje, embora isso ainda ocorra, em razão da progressiva globalização dos mercados, evolução dos transportes, novas formas de processamento e acondicionamento, o alimento moderno está cada vez mais deslocado de seu enraizamento geográfico e das dificuldades climáticas que lhe eram tradicionalmente associadas (POULAIN, 2006). Isso também nos leva a considerar que, em paralelo as mudanças em curso nos destinos migratórios, estão ocorrendo mudanças em nosso país de origem, o que muitas vezes pode significar a minimização de certos estranhamentos.

Na mesma medida, não se pode ignorar que vivenciamos uma compressão espaço-temporal (HARVEY, 2001), caracterizada pela percepção do encurtamento das distâncias. Por meio do implemento das redes de informação e comunicação, não somente é facilitada a conexão entre o país de destino e o de origem, mas há maiores possibilidades de aproximar as pessoas nos novos destinos, mesmo que imaginariamente. Do mesmo modo, relatos na Internet exploram a experiência de migrar e, em sua maior parte, são acompanhados de informações sobre como proceder para tal fim, onde buscar a documentação necessária, o que se vai enfrentar em termos de desafios ou benefícios, e ainda, como é a alimentação do país em questão, quais as estratégias para driblar a falta de alguns ingredientes, onde se pode encontrar produtos do Brasil em lojas físicas ou através do comércio virtual, entre outros assuntos relacionados ao tema.

A análise do consumo alimentar de migrantes em cidades como Barcelona, Madri ou Amsterdam, de maneira similar ao que ocorre em outras grandes metrópoles ao redor do mundo, como São Paulo, Nova York ou Tóquio, deve levar ainda em conta que, enquanto *cidades globais*, na concepção de Sassen (1998), do mesmo modo que se tornam eixos para a globalização da economia, potencializam a interconexão entre pessoas e comidas. Nestes centros urbanos, onde hoje e cada vez mais se cruzam turistas, migrantes,

jogadores de futebol, também se cruzam ideias e valores diversos. Como esclarecem as palavras de Featherstone (1995), num campo de cidades mundiais cada vez mais globalizado – ou seja, mais facilmente acessível por meio das finanças (dinheiro), comunicações (viagens) e informação (radiodifusão, publicações, mídia), novas formas de capital cultural e uma série mais extensa de experiências simbólicas estão em oferta.

Entretanto, se a produção de alimentos em grande escala e circulação em nível mundial determinam uma oferta globalizada, o mesmo não se pode enunciar a respeito do seu consumo. Conforme indicado, o impacto da globalização em tal prática, somente poderá ser avaliado de um ponto de vista local, reinserindo-a no contexto das atividades múltiplas e cotidianas: “[...] é preciso articular dois pontos de vista alimentados em partes iguais pelos dados empíricos: o global e o local” (WARNIER, 2003, p.149). E isso vale para se refletir sobre as experiências relacionadas à comida como será explorado a seguir.

4 - Oferta e consumo de produtos do Brasil na Espanha e Países Baixos

O comércio de produtos alimentares procedentes do Brasil no continente europeu vem crescendo nesta última década. Este horizonte não se resume a países com maior número de brasileiros, como é o caso da Espanha, Portugal ou Reino Unido, mas se estende a territórios como os Países Baixos, cuja concentração de brasileiros é significativamente inferior. Dados de 2011 do governo Holandês apontam o Brasil como um dos 5 maiores exportadores de alimentos para o país. Além disso, diariamente, 37 mil toneladas de alimentos provenientes do Brasil (principalmente carne, frutas e nozes) chegam para serem distribuídos entre os demais países importadores⁹.

As cozinhas dos migrantes inevitavelmente sofrem mutações e ajustes, dada a incorporação de novos sabores, ingredientes e técnicas. Esse processo muitas vezes é algo complexo, interferindo na própria experiência migratória. Por essa razão, a alimentação neste contexto é central, contribuindo de maneira a facilitar ou então dificultar o enfrentamento de uma nova realidade.

O consumo de certos alimentos, como já mencionado, envolve outras dimensões. Nas palavras de Câmara Cascudo (2004, p. 41): “O alimento é um fixador psicológico no plano emocional” e, nesta perspectiva, “Comer certos pratos é ligar-se ao local do produto”. O caso de Rita, há 12 anos na Espanha, é um exemplo. Embora disponha de vários produtos brasileiros na região da Andaluzia, uma vez ao ano, a mãe a visita, trazendo na bagagem um sortimento: pequi (à data da entrevista, relatou já acumular 5 kg da fruta em seu

⁹ Disponível em: <http://www.cbs.nl> Acesso em Janeiro/ 2014.

congelador), goiaba e manga frescas, polpas de frutas congeladas, polvilho e comidas prontas como pamonha, pão de queijo e salgadinhos. Segundo Rita, a fim de “matar a saudade”, a mãe inclusive já levou fatias de torta “prestígio” e “brigadeiro” de uma feira próxima à casa da família no Brasil.

Esse caso mostra que, mesmo não implicando a constância na manutenção de hábitos alimentares do país de origem, o consumo de alguns alimentos também configura a possibilidade de se vivenciar, através da memória do paladar, uma experiência ligada à terra natal. Do mesmo modo, igualmente evidencia uma outra dinâmica expressa pelo consumo, qual seja a das relações sociais, interferindo não apenas na apropriação dos produtos, mas na sua valorização. Como chama a atenção Miller (1995), as mercadorias podem ser concebidas como meios de se expressar zelo e afeição por alguém, contrapondo-se à ideia propagada de que o consumo, na sociedade contemporânea, estaria circunscrito ao materialismo.

Dos itens citados por Rita, muitos já são disponíveis para o consumo em diversos locais do continente europeu, como algumas das principais cidades da Espanha e dos Países Baixos. Em Madri, a *Delícias Latina*¹⁰, em moldes semelhantes a lojas como *Finalmente Brasil*¹¹, na Holanda, ou *Vícios Brasileiros*¹², na Alemanha, é um exemplo. Nessa loja, destinada prioritariamente a atender a demanda de migrantes brasileiros, os alimentos são os principais produtos importados. O volume de mercadorias importadas do Brasil varia entre 1 e 2 containers a cada dois meses. No caso da *Finalmente Brasil*, a soma gira em torno de oito containers por ano.

O montante de itens comercializados inclui bebidas, polpas de frutas, doces, farinhas, grãos, sucos, enlatados, condimentos, congelados, biscoitos, carnes à vácuo para feijoada, salgadinhos congelados, entre outros. Os produtos são ainda disponibilizados via comércio eletrônico, tornando possível o acesso aos produtos em demais localidades desses países. Segundo o proprietário do *Delícias Latina*, 90% dos que atende são brasileiros e a maior parte desses consumidores tem realizado suas compras através da Internet.

Em extremo oposto, grandes redes como *Carrefour*, *Makro* ou *Corte Inglês* (renomada cadeia espanhola de lojas de departamentos), apesar de não oferecerem uma gama muito ampla de produtos provenientes do Brasil, podem ser vistas como alternativas. Contudo, diferente desta última, as duas primeiras são consideradas mais praticáveis financeiramente para o abastecimento de pequenos comércios, bares e restaurantes. Ângela, há 2 anos administrando um pequeno estabelecimento com serviço de bar e restaurante voltado a brasileiros em Sevilha, relata eventualmente recorrer a essas lojas, quando terminam, de maneira

10 Disponível em: <http://www.deliciaslatina.es/14-ofertas> Acesso em Dezembro/2013.

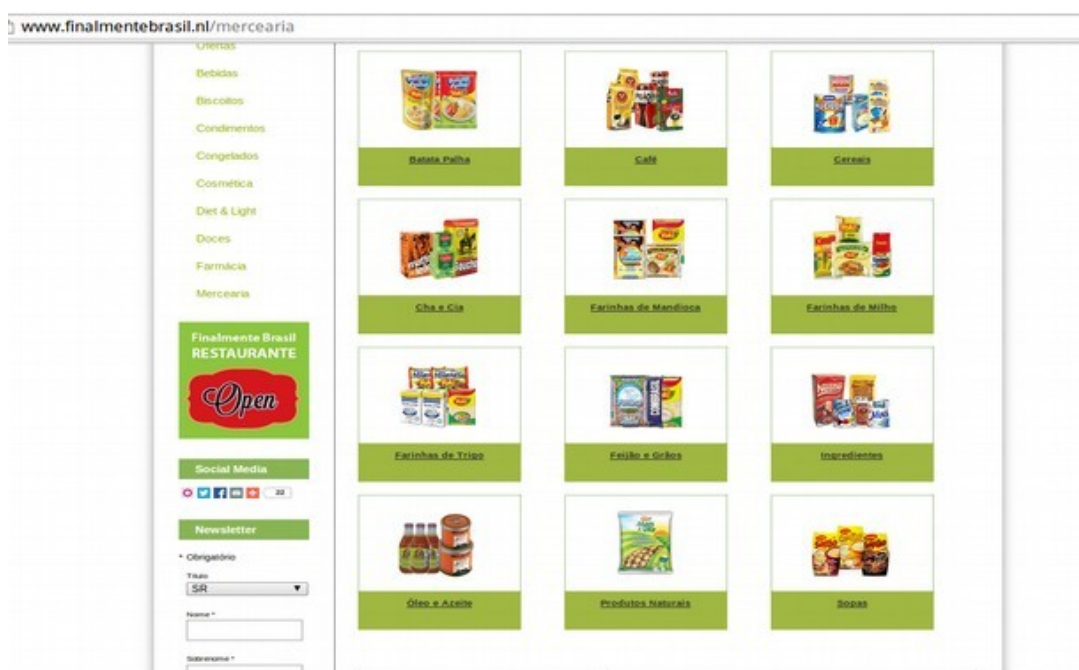
11 Disponível em: <http://www.finalmentebritania.nl/loja/home.html> Acesso em Janeiro/2014.

12 Disponível em: <http://www.vicios-brasileiros.de/index.php?language=pt> Acesso em Janeiro/2014.

desprevenida, as provisões de 51 (cachaça brasileira utilizada principalmente para o preparo de *caipirinha*) ou de guaraná Antártica.



1. Mercado de produtos latino-americanos - Sevilha



1. Site com produtos importados do Brasil disponibilizados para comércio eletrônico nos Países Baixos

O percentual relativo a esses produtos parece irrelevante financeiramente, frente a outros alimentos exportados para diversos países do mundo (tais como a soja, a carne bovina, ovina e suína). Todavia, o enfoque na circulação destas mercadorias permite colocar em relevo questões emergentes da relação entre alimentação e consumo. Do mesmo modo, também é possível compreender o fluxo destes alimentos dentro de um quadro mais amplo; a exemplo do que representam outros destinos migratórios de brasileiros, uma loja de produtos do Brasil nos Países Baixos ou um cardápio dividido entre *tapas* espanhóis e *tapas brasileiros*, em algum restaurante de Sevilha, enquanto nos revela algo de mobilidade e misturas, igualmente permite pensar na comida como um meio de dar visibilidade a esses grupos de migrantes, a partir da circulação de suas culturas culinárias.



3. Anúncio de cardápio em Sevilha

Conclusões

As pessoas deslocam-se no espaço e com elas levam suas experiências, memórias e hábitos culturais. Por essa

ração, a alimentação é um fenômeno determinante para se compreender a experiência migratória. Do mesmo modo, visto que os alimentos seguem as trajetórias humanas, as migrações sempre exerceram um papel decisivo no campo alimentar. Hoje, a circulação de mercadorias motivadas pelos movimentos humanos é uma realidade cada vez mais evidente e, imersa num processo em que se aceleram fluxos de distintas naturezas, coloca novos elementos para se pensar o consumo alimentar.

O fluxo de alimentos entre Brasil e o continente europeu tem contribuído para reconfigurar a paisagem alimentar de algumas cidades e, simultaneamente, redimensionar o consumo de migrantes brasileiros. Em cidades como Barcelona, Madri ou Amsterdam, o fato de ser cada vez mais viável manter determinados hábitos alimentares associados ao Brasil ou vivenciar, mesmo que imaginariamente, por meio do consumo de certos alimentos, experiências relacionadas ao país natal, permite reconhecer traços muito antigos da relação alimentação e migração. Mas, acima de tudo, enquanto parte de um processo mais amplo e intensificado e interconectado com outros fluxos, possibilita refletir em que medida e de que maneira a própria experiência migratória vem ganhando novos significados.

Referências Bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In: WILLIAMS, Patrick, CHRISMAN, Laura. *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory*. N.Y.: Columbia University Press, 1990. p. 324- 339.
- _____. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis, Minn.: University of Minnesota Press, 1996.
- _____. Mercadorias e a política de valor. In: APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: a mercadoria sob uma perspectiva cultural*. Trad. Agatha Bacelar. Niterói-RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- BOULY DE DESLAIN, Sophie. *Alimentation et migration: une définition spatiale*. In : Garabuau-Moussaoui I., E. Palomares, D. Desjeux eds. *Alimentations contemporaines*, Paris, L'Harmattan, Chapitre 4 : 173-189, 2002.
- CALVO, Manoel. *Migration et alimentation*. Social Science Information, vol. 21, nº 3., 1982.
- CASCUDO, Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. Rio de Janeiro : Global, 2004.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FISCHLER, Claude. *El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo*. Barcelona: Anagrama, 1995.
- GIARD, Luce. Cozinhar. In: *A invenção do cotidiano*. As artes de fazer II. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- HANNERZ, Ulf. *Transnational Connections. Culture, People and Places*. Londres: SAGE, 1990. p. 237-251. Disponível em: <http://tcs.sagepub.com> Acesso em Fev/2014.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2001.
- IGLIS, David, GIMLIN, Inglis. *The globalization of food*. New York: Berg, 2010.
- MILLER, Daniel. *Pobreza da moralidade*. Antropolítica – Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política. n. 1. Niterói: EdUFF, 1995.
- MINTZ, Sidney. *Comida e Antropologia: Uma breve revisão*. RBCS, v. n. 2001.
- MONTANARI, Massimo (org.). *O mundo na cozinha: história, identidade, trocas*. São Paulo: Estação Liberdade: Senac, 2009.
- NUTZENADEL, Alexander, TRENTMANN, Frank. *Food and globalization: Consumption, Markets and the politics of the modern world*. Oxford: Berg, 2008.
- PHILLIPS, Lynne. *Food and globalization*. Annual Review of Anthropology. Vol. 35: 37-57. 2006.
- POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.
- RIAL, Carmen. *Os Charms dos fast-foods e a Globalização cultural*. Rev. Antropologia Em Primeira Mão n. 7, 1995.
- SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Nobel, 1998.
- WARNIER, Jean- Pierre. *A mundialização da cultura*. 2 ed. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- WILK, Richard R. *Real Belizean Food: Building Local Identity in the Transnational Caribbean*. American Anthropologist 101(2): 244-255, 1999.